



Revista de Cultura

Ensaio

Texto de autor convidado. Recebido em: 13 abr. 2022. Aprovado em 18 abr. 2022.

VERAS, Dimas Brasileiro. Notas sobre uma jovem sexagenária: a revista Estudos Universitários (1962-2022). *Estudos Universitários: revista de cultura*, UFPE/Proexc, Recife, v. 39, n. 1, p. 21-42, jan./jun., 2022.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2022.253779>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Notas sobre uma jovem sexagenária: a revista Estudos Universitários (1962-2022)

Notes on a young sexagenarian: the journal Estudos Universitários (1962-2022)

*O hoje é apenas um furo no futuro
Por onde o passado começa a jorrar.
(Raul Seixas e Marcelo Nova, 1989)*

Dimas Brasileiro Veras

Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Doutor em História; Membro da Cátedra Paulo Freire da UFPE

E-mail: dimasveras@recife.ifpe.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-4684-305X>

 <http://lattes.cnpq.br/5094940139711801>

Resumo

Este ensaio se propõe a apresentar a história da *Estudos Universitários*: revista de cultura (EUs), criada sob a gestão de Paulo Freire do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da então Universidade do Recife (UR), a partir de uma perspectiva acadêmico-afetiva, mesclando dados dos 16 anos de pesquisa dedicada à EUs com as vivências extracurriculares do autor em relação à publicação e aos seus inúmeros colaboradores. Em face à comemoração dos seus 60 anos e ao contexto político de incerteza e insegurança, faz-se necessária uma recapitulação do periódico, com o pensamento freireano de história como possibilidade sempre em mente. É feito, então, um importante paralelo entre a década de 1960, quando se iniciou a revista, e a primeira década dos anos 2000, com suas utopias e seus levantes progressistas; e são apresentados os contextos histórico e geográfico de criação e disseminação da revista, além do seu empas-

telamento, sua volta sob uma direção mais conservadora, seus desafios frente à Ditadura e aos seus novos hiatos e, por fim, sua volta definitiva, já no século XXI.

Palavras-chave: Estudos Universitários. Paulo Freire. Universidade Federal de Pernambuco.

Abstract

This essay aims to present the history of *Estudos Universitários: revista de cultura* (EUs), created under Paulo Freire's management of the Cultural Extension Service (SEC) of the then-called University of Recife (UR), from an academic and emotional perspective, merging data from 16 years of research dedicated to EUs with the extracurricular experiences the author has had in relation to the publication and its many collaborators. In view of the commemoration of its 60th anniversary and the political context of uncertainty and insecurity, a recapitulation of the periodical becomes necessary, bearing in mind the Freirean thought of history as a possibility. This essay presents an interesting parallel between the 1960s, when the journal started, and the first decade of the 2000s, with its utopias and progressive political movements; and proceeds to display the historical and geographical contexts of the journal's creation and dissemination, as well as its collapse, its return under a more conservative direction, its challenges against the dictatorship and its new hiatuses and, finally, its definite return, now in the 21st century.

Keywords: Estudos Universitários. Paulo Freire. Universidade Federal de Pernambuco.

Rememorar criticamente a efeméride da *Estudos Universitários: revista de cultura* (EUs), a jovem sexagenária revista de cultura da UFPE, me impele a uma concepção de história libertadora, história como possibilidade, forjada por Paulo Freire em seus tempos fundantes no Recife (SANTIAGO; BATISTA NETO, 2021), tempos em que criou seu método de alfabetização no juntamente sexagenário Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife (UR).

Leitores do humanismo crítico dos existencialistas e da nova esquerda, Paulo Freire e sua equipe de extensão produziram a revista Estudos Universitários e aprenderam com intelectuais que lutaram contra o fascismo e o nazismo, como Walter Benjamin, apresentado pelo companheiro do Serviço de Extensão Cultural (SEC) Pierre Furter (1962a, 1962b, 1963), que a história tem “o dom de despertar no passado as centelhas da esperança [...] convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Nessa perspectiva da história como possibilidade e libertação, reuni as memórias e os rastros documentais de dezesseis anos de pesquisa dedicada à Estudos Universitários, através de uma práxis militante do esperar freireano de tentar me mover na esperança enquanto luto, e de lutar com esperança, porque espero a realização da utopia (FREIRE, 1987).

Em tempos de barbárie, de pandemia e do governo militar no Brasil em pleno século XXI, não posso abrir mão de uma teoria e prática historiográfica que compreenda o presente como transição. Como diria Manuel Bandeira (2009 [1930], p. 129), “Não quero saber do lirismo que não é libertação”. Uma memória cujas vozes do passado sussurram a verdade da violação dos direitos humanos e da exploração das classes e grupos oprimidos no Brasil e trazem percepções e afecções cujos sentimentos de indignação, raiva justa e amor nos mobilizam para uma inédita e viável revolução democrática (VERAS, 2021a). Rememoremos.

Outono setentrional de 2005. Nos frios subúrbios de Paris, centenas de carros ardem em chamas. Estudantes, educadores, trabalhadores, imigrantes, sindicatos e movimentos sociais protestam contra a reforma trabalhista neoliberal de Jacques Chirac (1995-2007), na

maior revolta popular francesa desde maio de 1968. No verão tropical do ano seguinte, Michelle Bachelet é eleita a primeira mulher presidente do Chile e o líder sindical cocaleiro Evo Morales, o primeiro presidente indígena da Bolívia.

No Brasil e na Venezuela, os presidentes Lula e Hugo Chaves reelegem-se com margem expressiva dos votos. Um ano antes, o líder bolivariano propalava o socialismo do século XXI no Fórum Social Mundial (FSM). Países do Sul emergente se uniram em grupos políticos como os Brics, acrônimo dos seguintes países membros: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (LAMAS; FINAZZI; NASSER, 2017). O planeta fervia ou, no léxico pernambucano, frevava. Sonhávamos que *um outro mundo era possível* (GADOTTI, 2009, destaque nosso).

O movimento estudantil e os movimentos sociais estavam bastante ativos e atuantes em todo mundo. O Fórum Social Mundial promovia uma cultura da paz, da democracia, dos direitos humanos, da sustentabilidade ambiental, da autogestão, da cidadania planetária, dentre outros valores norteadores das utopias do século XXI (GADOTTI, 2009).

Então fazíamos acontecer na UFPE, no Diretório Acadêmico (DA) de História Francisco Julião - Gestão “Hoje o Samba Saiu” (2005-2007). Havia, além disso, a “Ciranda”, chapa do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFPE, que reuniu em seus círculos de cultura diferentes matizes do campo socialista. Ademais, dialogávamos igualmente com os diretórios e os centros estudantis da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), da Universidade de Pernambuco (UPE), da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), dentre outras.

Como diziam os muros e cartazes das manifestações contra o neoliberalismo e a globalização: *Estamos vencendo!* (RYOKI; ORTELLADO, 2004). Existia um clima político e cultural bom nas ruas e nas universidades brasileiras. Sempre acontecia um evento acadêmico, cultural, político etc. O DA de História, por exemplo, promoveu a Semana Acadêmica e Cultural de História, o I Encontro da Linha de Pesquisa de História e Memória, assembleias, protestos, encontros regionais e nacionais de estudantes de História¹, bem como as calouradas épicas do CFCH, nas ruínas da Caixa d'Água da UFPE, antigo bar do DCE².

Nas ondas do ar, dial 88.1, o coletivo da *Rádio Livre-se* projetava a voz de estudantes, artistas, produtores culturais, trabalhadores, populares etc. através de transmissões radiofônicas ao vivo, *streamings* online, reuniões, ações e eventos. Ainda no ano de 2006, o coletivo organizou o I Encontro Intergaláctico de Rádios Livres, seguido do II Submidialogia, em Olinda. A UFPE recebeu, nesses eventos, comunicadores livres, pesquisadores e ativistas de todo o Brasil e do mundo. A programação contemplava oficinas, rodas de conversas, transmissões e ações, como por exemplo a instalação participativa da Rádio Comunitária da Ilha de Deus, comunidade ribeirinha da zona sul do Recife.

Numa outra perspectiva, a política pública de educação e ciência promovia a prática de pesquisa através do incremento das bolsas de pós-graduação e de iniciação à pesquisa e à extensão, favorecendo

1. O lendário XXIV ENEH foi realizado na UFRPE, em 2004, no Recife.

2. No espaço localizado entre o que hoje é o edifício de aulas e o Restaurante Universitário (RU).

o desenvolvimento científico e a transformação social (CALDAS; ARAÚJO, 2017). Para além do número crescente de trabalhos científicos, formava-se toda uma geração de professores, cientistas, pesquisadores, extensionistas, artistas, produtores culturais, políticos, enfim, trabalhadores intelectuais preocupados com seu tempo *saturado de agoras* (BENJAMIN, 1994, destaque nosso).

Aliás, foi sobre homens e mulheres de letras do Brasil da metade do século XX que o professor do Departamento de História da UFPE Flávio Weinstein Teixeira defendeu, em 2005, no Programa de História Social da UFRJ, a tese *O Movimento e a Linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946 – 1964)*, depois publicada pela Editora da UFPE (2007). Tratava-se de uma análise sociocultural do ambiente intelectual do Recife no período democrático que vai do fim da ditadura do Estado Novo (1937-1945) ao golpe de 1964. Duas gerações intelectuais democráticas, das décadas de 1960 e de 2000, encontravam-se em suas ebulições e singularidades políticas e socioculturais.

Eu andava envolvido, então, com uma pesquisa voluntária dedicada ao Recife do poeta Manuel Bandeira, sob a orientação daquele mais novo doutor do departamento de História da UFPE. Desse modo, ele me convidou para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) com um projeto dedicado à revista *Estudos Universitários* (1962-1964).

Da revista conhecíamos os colaboradores que ela compartilhou com o Teatro de Estudantes de Pernambuco e com O Gráfico Amador; a linha editorial combativa, dita “realista”; e os ensaios que sistematizaram pela primeira vez o método, ou como eles preferiam, o Sistema Paulo Freire de Alfabetização, publicados em 1963, no volume 4 do periódico, e organizados pelo professor Osmar Fávero em 1983.

Procurei as revistas originais na Biblioteca Central, nas bibliotecas dos Centros, no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, na Biblioteca Pública do Estado e nada. Segui pesquisando em outros acervos até encontrar as cinco edições dos tempos de Paulo Freire na Biblioteca da Faculdade de Direito do Recife (FDR). Lá estavam os cinco números da fase heroica da Estudos Universitários, que circularam do lançamento, em 1962, até seu empastelamento, em 1963, fruto de pressão política do sociólogo Gilberto Freyre e da professora catedrática Maria do Carmo Tavares de Miranda (ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS, 1962a, 1962b, 1963a, 1963b, 1963c; VERAS, 2012).

As capas quadriculadas de cor verde oliva, roxa, laranja, azul e amarela tinham o design do professor Orlando da Costa Ferreira e a secretaria, ou melhor, a edição, do professor e crítico literário Luiz Costa Lima. As estantes centenárias da FDR também guardavam os volumes da segunda fase da revista, que foram publicadas entre os anos de 1966 e 1985 (GASPAR; BARBOSA, 2009). Com uma câmera digital emprestada pelo meu orientador, comecei a digitalizar todos os periódicos. Lembro com gratidão os diálogos com as bibliotecárias da FDR.

Era curiosíssimo ver aqueles ensaios caleidoscópicos dos anos 1960 assinados por Gilberto Freyre, Celso Furtado, Paulo Freire, Luiz Costa Lima, Jomard Muniz de Britto (JMB), Arthur Carvalho, Marcius Cortez, Pierre Furter, Orlando da Costa Ferreira, Sebastião Uchoa Leite, Jarbas Maciel, Eduardo Portela, Osman Freitas, Vami-reh Chacon, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Juracy Andrade, Gadiel Perruci, dentre outros intelectuais estabelecidos e aspirantes que seriam tragados pelo torvelinho político de 1964 (VERAS, 2012).

Os textos de Maria do Carmo Tavares de Miranda (1963), Aurenice Cardoso (1963) e Pilar Gómez Bedate (1963) são um indício da participação das mulheres numa universidade ainda predominantemente patriarcal. O SEC contava, além disso, com a presença das professoras alfabetizadoras Elza Freire, Maria Adozinda, Dulce Campos, Astrogilda de Carvalho Paes de Andrade e Aurenice Cardoso, todas contribuindo com o desenvolvimento do “Método Paulo Freire”. Na Rádio Universidade, cujo mote era “uma rádio a serviço da democratização da cultura”, Ana Canen trazia a experiência da *British Broadcast Corporation* (BBC) de Londres à rádio local, então sob a direção de José Laurenio de Melo, que trabalhara com Canen, sua esposa, na rádio inglesa (VERAS, 2015).

Tendo digitalizado as revistas, imprimi uma cópia da primeira fase da Estudos Universitários numa gráfica na mesma Rua Gervásio Pires que abrigara a sede do SEC, no número 674. Afora as salas onde trabalhavam Paulo Freire e sua equipe, o edifício, nos fundos da então Reitoria, possuía um auditório, onde eram realizadas atividades culturais e político-pedagógicas com estudantes, movimentos sociais, sindicatos etc.

Ali perto, na Praça Adolfo Cirne, ficavam a Reitoria da Universidade do Recife e a Faculdade de Direito do Recife, além da sede do 4º Exército. Mais à frente, na Rua do Hospício, estavam os sobrados da Escola de Engenharia de Pernambuco, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Escola de Geologia de Pernambuco e do Escritório Técnico da Cidade Universitária (VERAS, 2012, 2018).

Apenas mais tarde descobriria que ali estava o coração político e cultural da Universidade do Recife. Não tardei a avançar com a pesquisa nos volumes subsequentes e em periódicos como o *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Última Hora*, então arqui-

vados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, na Rua do Imperador. Vivia então uma prática de pesquisa histórica nos periódicos que seria revolucionada, anos mais tarde, pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Quantas manhãs e tardes passei no arquivo junto de outros colegas do Pibic e da pós-graduação. Investigava página por página os jornais da cidade, assim descobrindo, pouco a pouco, que, além de sua função como revista acadêmica, a EUs participava de um projeto de universidade popular dirigido por Paulo Freire e apoiado pelo então reitor João Alfredo (1959-1964).

Tendo como inspiração o Movimento de Cultura Popular, criado no Recife em 1960, durante a gestão de esquerda da Frente Popular do Recife e do prefeito Miguel Arraes (1960-1962), o SEC possuía três projetos estruturantes para seu programa de universidade popular: o Sistema Paulo Freire de educação, a Rádio Universidade e a revista Estudos Universitários (VERAS, 2021b).

Entre os trabalhadores e as trabalhadoras permanentes, temporários e voluntários, a equipe do SEC era composta por Paulo Freire, Jarbas Maciel, Juracy Andrade, Padre Paulo Meneses, Almeri Bezerra, Elza Freire, Dulce Chacón, Judite Ribeiro, Maria Adozinda Monteiro da Costa, Astrogilda de Carvalho Paes de Andrade, Dulce Campos, Aurenice Cardoso, Hugo Martins, Severino Vieira, Marcius Cortez, Francisco Bandeira de Mello, Arthur Carvalho, Pierre Furter, Luiz Costa Lima, Jomard Muniz de Brito, Orlando da Costa Ferreira, José Laurenio de Melo, Sebastião Uchoa Leite, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Paulo Pacheco e Plácido Mendes Lima (VERAS, 2021b).

Duas multiplicidades cronológicas se encontravam naquele instante. Primeiro, a década de 1960 com seus movimentos, organizações e instituições focados no desenvolvimento nacional e

popular: o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), as Ligas Camponesas, o MCP, o Centro Popular de Cultura (CPC), o Teatro Popular do Nordeste (TPN), a Bossa Nova, o Cinema Novo, as novas tendências do movimento estudantil e, claro, o Movimento de Reformas de Base (reforma agrária, eleitoral, urbana, educacional etc.).

Já no século XXI, minha pesquisa sobre a revista de cultura da Universidade do Recife (UR) convivia com o fortalecimento dos governos progressistas, dos movimentos sociais, das rádios livres, do movimento estudantil, dos sindicatos, das organizações não governamentais (ONGs), dentre outros sujeitos históricos que tinham no Fórum Social Mundial uma instância de mobilização e de formulação de novas formas de enfrentar os desafios do tempo presente. O hoje era apenas um furo no futuro, por onde o passado começava a jorrar (BANQUETE..., 1989).

Após a digitalização dos documentos, passei a organizá-los e analisá-los para a redação do meu relatório final de Iniciação à Pesquisa e apresentação no Congresso de Iniciação Científica da UFPE (Conic). Diante dos bons resultados alcançados, parecia urgente continuar a investigação histórica sobre a Estudos Universitários e seus produtores no SEC. Com a concordância do meu orientador, redigi e submeti o projeto de mestrado sobre a revista Estudos Universitários ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFPE.

Durante o mestrado, a metodologia de pesquisa deveria avançar através de novos documentos e das ferramentas da história oral. A ideia era realizar entrevistas semiestruturadas com os antigos membros do SEC e outros colaboradores. Foi desse modo que cheguei em Porto de Galinhas, praia do litoral sul de Pernambuco,

na Fliperia de 2008, para assistir a uma palestra do professor Luiz Costa Lima e apresentar meu projeto ao primeiro editor da revista. Minha companheira Rebeca Amorim me apresentara, meses antes, a textos do crítico e teórico da literatura como *A Aguarrás do Tempo* (1989), *Dispersa demanda* (1981) e *História. Ficção. Literatura* (2006).

Depois da palestra e do primeiro contato com o professor Emérito da PUC-RJ, me entreguei à boêmia da festa literária. Num restaurante elegante da pracinha de Porto de Galinhas, me reencontrei com o professor Jomard Muniz de Britto, antigo colaborador da Estudos Universitários e membro da revista e do SEC. Já conhecia JMB de uma disciplina que participara durante minha graduação em História, além de livros como *Bordel BRASILírico Bordel* (1992) e de filmes como *O Palhaço degolado* (1977). Perambulando pelos sebos da cidade encontrei os livros de crítica cultural redigidos no calor da hora da *Estudos Universitários: Contradições do homem brasileiro* (1964) e, depois, o *Do Modernismo à Bossa Nova* (1966).

Voltamos a nos cruzar pelas ruas da Boa Vista. Eu indo lecionar no espaço cultural O Casarão, onde profissionalizávamos conscientizando aos moldes de Paulo Freire; e ele distribuindo seus panfletos, os famigerados *Atentados Poéticos*. Não raro lá estava ele na praça Oswaldo Cruz no Grito dos Excluídos, seguindo depois para o Sarau da Independência, outro dia no Bloco Nem Sempre Lily Toca Flauta, dentre outras festas realizadas no Mercado da Boa Vista.

Não poderia esquecer os encontros de psicanálise, aos quais fui levado pelo amigo de mestrado João Luna, campinense do metal que pesquisava a cena underground udigrudi pernambucana dos anos 1960 e 1970 - “a turma do Beco do Barato” (LUNA, 2019). Nas redondezas, no saudoso Recanto do Picuí do Derby, conheci a psicanalista Dulce Campos, antiga gestora do Colégio de Aplicação

(CAp) da UFPE e colaboradora do SEC, uma das primeiras pessoas a sugerir a Paulo Freire que seu método era muito mais que um conjunto de técnicas e procedimentos, mas sim todo um sistema educacional e antropológico (MACIEL, 1963).

Naqueles dias já alimentava uma amizade e diálogo pedagógico com JMB, numa prática que ele chamava de “(des)orientação”. Ele rejeitara categoricamente o meu convite e do professor Flávio Weinstein para que se tornasse meu coorientador, tendo me apresentado, com esse fim, ao professor Roberto Motta. De fato, os três professores tiveram um importante protagonismo na minha formação definitiva como historiador, sobretudo o professor Flávio Weinstein, meu eterno orientador e amigo.

JMB não tardou a me presentear com o livro *Golpe na Alma* (2008). Nele, Marcius Cortez narra a história do SEC sob sua própria ótica biográfica de jovem estudante de sociologia. Ainda em 2008 entrevistei, em Brasília, ao lado do professor Flávio Weinstein, o professor Vamireh Chacon, ativo colaborador da Estudos Universitários e diretor, naqueles anos, do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade do Recife, órgão criado pelo reitor João Alfredo, também em 1962, para promover um diálogo com países emergentes não alinhados. Realizamos entrevistas, em seguida, com Roberto Motta, Dulce Campos, Marcius Cortez, Luiz Costa Lima, Juracy Andrade, Ricardo Ferreira, Anacleto Eloi, Osman Freitas, Almeri Bezerra, José Libonati, Marcelo Peixoto e Heraldo Souto Maior. Na época, tentava estruturar as entrevistas como diálogos aos moldes dos círculos de cultura freireanos (FREIRE, 2007).

Através de Anacleto Eloi consegui as cópias dos cinco volumes originais da primeira fase da Estudos Universitários. O designer formado na Universidade do Recife guardava as revistas como uma obra prima gráfica e objeto de memória de seus tempos de estudante e admirador da equipe Paulo Freire. Ele elaborou, por fim, o “Estudos Universitários: Índice por autor, em ordem alfabética”, que usei como modelo do sumário das revistas apresentado na dissertação e no livro (VERAS, 2012).

Foi por esses tempos que o Departamento de Relações Institucionais da Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, nas pessoas de Djanise Mendonça, Miriam Vilanova e Socorro, me contactou. Para minha surpresa o então reitor, professor Amaro Lins (2003-2011), e a pró-reitora de Extensão, professora Solange Coutinho, pretendiam retomar a publicação periódica da Estudos Universitários, resgatando a linha editorial “realista” que marcara a primeira fase da revista nos tempos de Paulo Freire. O passado presente dos anos 1960 se encontrava com o presente passado da década de 2000.

Do projeto participavam, além disso, a recém criada Cátedra Paulo Freire e sua diretora, a professora Eliete Santiago. Com a antiga orientanda do patrono da educação brasileira, aprendi importantes lições freireanas, como o diálogo, a humildade, o rigor científico e a ética, as quais levo comigo para todo o sempre. Na Cátedra reencontrei com alegria, outrossim, meu mestre do ensino de história e da pedagogia Paulo Freire, o professor José Batista Neto, bem como conheci a professora Marília Gabriela.

No decorrer da edição do volume especial de retomada da Estudos Universitários, comecei a dialogar, igualmente, com o saudoso professor Denis Bernardes, que me introduziu aos seus estudos apaixonados sobre a história e as memórias da UFPE. Já o

conhecia das palestras dos tempos de graduação ou quando diariamente o via atravessar o *campus*, com seu chapéu panamá e seu cachimbo, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) em direção à parada de ônibus do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Lembro das reuniões em seu apartamento e de uma vez na qual visitamos juntos o acervo da Biblioteca Central, hoje chamado, numa justa homenagem, de Memorial Denis Bernardes.

Lançado em 2009, o número de retomada da Estudo Universitários possuía a seguinte comissão editorial especial: Agostinho Rosas, Denis Bernardes, Dimas Brasileiro Veras, Djanyse Mendonça, Eliete Santiago, Miriam Vilanova Maia e Solange Coutinho (Presidente). Assinavam ensaios inéditos: Dimas Brasileiro Veras e Djanyse Mendonça, Luiz Costa Lima, Jomard Muniz de Britto, Marcius Cortez, Juracy Andrade, Xavier Uytendenbroek e Sonia Mendes. O número contava, ainda, com entrevista inédita com o professor Jarbas Maciel (2009).

Durante o emocionante lançamento da revista reunimos pela primeira vez aqueles que faziam a Estudos Universitários e o SEC: Jomard Muniz de Britto, Luiz Costa Lima, Almeri Bezerra, Juracy Andrade e Jarbas Maciel.

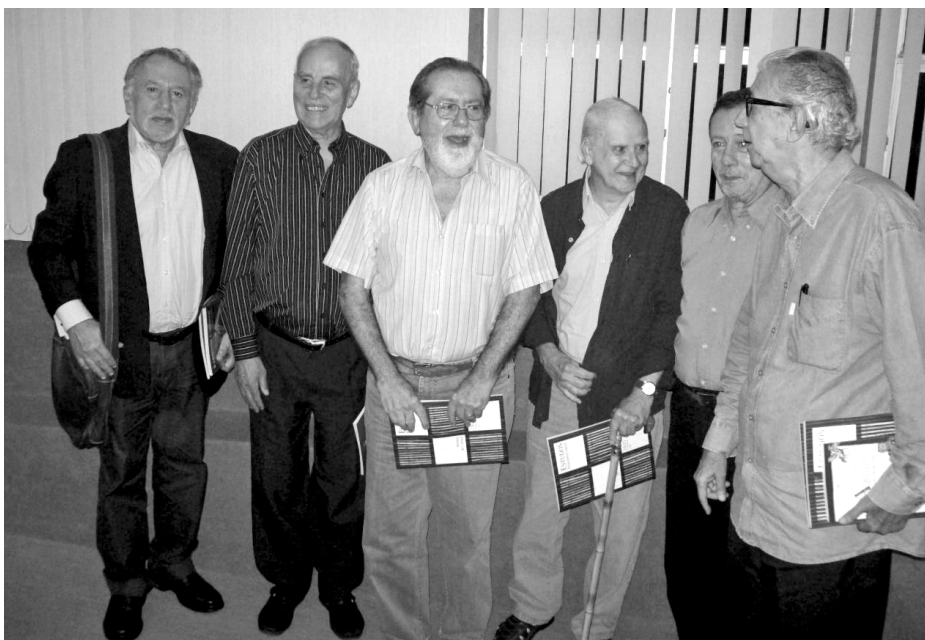


Figura 1. Fotografia de membros da antiga Equipe Paulo Freire de Extensão do SEC e da revista Estudos Universitários³

Fonte: Acervo pessoal do autor (2009)

Aquelas vozes, memórias e histórias dos anos que circulam o golpe de 1964, com seus relatos sobre o lançamento da revista, a esperança, a luta, o empastelamento do periódico, a repressão, a prisão, o exílio e os anos de ditadura eram um bom presságio dos depoimentos futuros da Comissão Nacional da Verdade (2014).

Os jornais da cidade repercutiram a retomada da revista, narrando sua história e memórias. Numa longa série de reportagens, a jornalista Fabianna Freire Pepeu investigava o ambiente intelectual dos tempos da Estudos Universitários, notadamente

3. Em ordem, da esquerda para a direita: Luiz Costa Lima, Almeri Bezerra, Juracy Andrade, Jarbas Maciel, Marcius Cortez e Jomard Muniz de Britto.

durante a visita de Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao longo do I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em 1960 (PEPEU; VERAS, 2010).

Defendi a dissertação em agosto de 2010, numa sala lotada e ansiosa pelos resultados de minha pesquisa sobre a Estudos Universitários e os tempos críticos da Universidade do Recife, tempos de Paulo Freire. O trabalho foi aprovado com louvor diante das saudações dos arguidores Antonio Torres Montenegro, Roberto Motta e Flávio Weinstein e da plateia de familiares, amigos e universitários.

No ano seguinte passaria a auxiliar, na qualidade de membro da comissão editorial, a nova fase da Estudos Universitários, com edição brilhante do professor Denis Bernardes. Junto ao saudoso historiador, eu, Djanyse Ribeiro e outros colegas trabalhamos incansavelmente nos volumes que foram publicados entre 2011 e 2014, até a travessia daquele guia intelectual que tive o privilégio de desfrutar naqueles anos. Nos despedimos do professor Denis Bernardes num velório realizado no Auditório João Alfredo da UFPE, evocando as memórias do educador e do último número que produzimos juntos.

A edição comemorativa de 50 anos da Estudos Universitários (2012) ficou um espetáculo. A capa preta trazia uma montagem com duas fotos tiradas pelo fotógrafo da UFPE, Passarinho: a primeira, dos anos 1980, apresenta Paulo Freire, Paulo Rosas, Ana Maria Freire e outros educadores e educadoras caminhando no centro de educação, rumo ao futuro; a segunda, do ano de 1966, apresenta o reitor Murilo Guimarães (1964-1971) marchando ao lado do presidente ditador Castelo Branco, seguidos de altos oficiais e civis numa ordem unida e sombria em direção ao passado.

Em 2012, já andava entretido com minha pesquisa de doutorado, cujo objeto eram as redes de intelectuais orgânicos conservadores que assumiram o controle da UFPE após o golpe de 1964, responsabilizando-se inclusive pelo antigo Serviço de Extensão Cultural e pela revista Estudos Universitários. Capturada, a antiga plataforma institucional e periódica do projeto freireano de educação popular passa a funcionar como espaço de produção de sociabilidades e de discursos liberais conservadores de sociedade (VERAS, 2018).

Em artigos científicos e em minha tese, mostrei como o novo diretor do então Departamento de Extensão Cultural (DEC), o professor Newton Sucupira, seria um importante mentor da reforma universitária ditatorial (VERAS, 2013, 2014, 2016, 2018). O criador do futuro Centro de Educação (CE) da UFPE e dos programas de pós-graduação brasileiros daria sua contribuição conservadora para a modernização do ensino superior brasileiro, num modelo elitizado antagônico à pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Nada obstante, na segunda fase da Estudos Universitários também encontrei o trabalho do editor Cesar Leal. Entre 1966 e 1985 manteve-se rigorosamente a periodicidade da revista com um sem-fim de números cujos ensaios e estudos são assinados por pensadores, escritores e autoridades de relevo. Ademais, o editor inaugurou uma seção de criação literária na qual foram publicados os primeiros livros de escritores e escritoras da Geração 65.

Passaram-se mais de dez anos. De lá para cá, novos editores e colaboradores contribuíram com a Estudos Universitários, revivendo, de alguma forma, sua vocação para o debate cultural rigoroso e crítico, mas também a memória e a história viva da Universidade Federal de Pernambuco. Ou seja, rastros e indícios de uma universidade engajada nos debates emergentes de seu tempo e da socie-

dade, notas libertadoras de uma jovem sexagenária e sua história de luta que muito nos inspira hoje para enfrentar os velhos e novos autoritarismos civis e militares que assombram a nossa história brasileira.

Referências

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BANQUETE de lixo. Intérprete: Raul Seixas. Compositor: Raul Seixas e Marcelo Nova. *In: A PANELA do Diabo*. Intérprete: Raul Seixas. São Paulo: WEA, 1989. 1 disco vinil, lado A, faixa 5 (6 min).

BEDATE, P. G. De la semejanza entre el Teatro Norteamericano y el Teatro Español de hoy día. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, Recife, v. 4, p. 125-137, abr./jun. 1963.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRITTO, J. M. de. *Contradições do homem brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

BRITTO, J. M. de. *Do modernismo à bossa nova*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

BRITTO, J. M. de. *Bordel Brasilírico Bordel: antropologia ficcional de nós mesmos*. Recife: Comunicarte, 1992.

BRITTO, J. M. de. *Atentados poéticos*. 1. ed. Recife: Bagaço, 2002.

CALDAS, A.; ARAÚJO, L. Na educação, avanços e limites. *In: MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano (org.)*. *Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. 400 p.

CARDOSO, A. Conscientização e alfabetização: uma visão prática do Sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, Recife, v. 4, p. 71-80, abr./jun. 1963.

CORTEZ, M. *O golpe na alma*. São Paulo: Pé-de-chinelo Editorial, 2008. 96 p.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife: Imprensa Universitária. v. 1, 1962a.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife: Imprensa Universitária. v. 2, 1962b.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife: Imprensa Universitária. v. 3, 1963a.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife: Imprensa Universitária. v. 4, 1963b.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: Revista de Cultura da Universidade do Recife. Recife: Imprensa Universitária. v. 5, 1963c.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: revista de cultura. Recife: UFPE. v. 29. n. 10, 2012.

FÁVERO, Osmar (org.). *Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. *Fórum Mundial de Educação: Pro-posições para um outro mundo possível*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GASPAR, L.; BARBOSA, V. *Estudos Universitários: índice v. 1 – 25 (1962 – 2004)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2009.

LAMAS, I.; FINAZZI, J.; NASSER, R. Entre Porto Alegre e Davos. In: MARINGONI, G.; MEDEIROS, J. (org.). *Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. 400 p.

LIMA, L. C. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. 363 p.

LIMA, L. C. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. 248 p.

LIMA, L. C. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUNA, J. C. de O. Ecos da contracultura: juventude, rock e rebeldia no Recife (1972-1976). In: KAMISNKI, L. F. *Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades*. Curitiba: CRV, 2019.

MACIEL, J. A fundamentação teórica do sistema Paulo Freire. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, Recife, v. 4, p. 25-59, abr./jun. 1963.

MIRANDA, M. do C. T. de. Arte e educação. *Estudos Universitários: Revista de Cultura da Universidade do Recife*, Recife, v. 3, p. 85-92, jan./mar. 1963.

O PALHAÇO degolado. Direção: Jomard Muniz de Britto. Letreiros e toques cênicos: Guilherme Coelho. Recife: Cinemateca Pernambucana, 1976. 1 vídeo (13 min). Publicado pela Cinemateca Pernambucana. Disponível em: <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=2493>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PEPEU, Fabianna Freire. VERAS, Dimas Brasileiro. Sartre como amuleto para a modernidade (entrevista). *Jornal do Commercio*, Caderno C, p. 6, Recife, 14 ago. 2010.

RYOKI, A.; ORTELLADO, P. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004.

SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J. *Paulo Freire e a educação libertadora: memórias e atualidades*. Recife: UFPE, 2013.

SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J (orgs.). *Olhares sobre Paulo Freire: vida, história e atualidade*. Recife: CEPE, 2021.

TEIXEIRA, F. W. *O movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: UFPE, 2007.

VERAS, D. B. Sociabilidades letradas no Recife: a revista Estudos Universitários (1962-1964). Recife: UFPE, 2012.

VERAS, D. B. Onde dorme o cão sem plumas: o Recife e a formação do Sistema Paulo Freire de educação. In: SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J. *Paulo Freire e a educação libertadora: memórias e atualidades*. Recife: UFPE, 2013.

VERAS, D. B. *O ensino superior brasileiro nos anos de ditadura: a reforma universitária e a revista de cultura da UFPE (1964-1968)*. Principia, João Pessoa, v. 17, p. 94-106, 2014.

VERAS, D. B. Rádio Universidade: uma rádio a serviço da democratização da cultura. In: GOMEZ, M. V.; FRANCO, M. (orgs.). *Círculo de cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2015. *E-book*. Disponível em: https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/circulo-de-cultura-arte-midia-e-educacao-2013-paulo-freire/circulodeculturapaulofreire_artemidiaeducacao.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

VERAS, D. B. A Universidade em debate nas páginas da Estudos Universitários (1962-1969). *Estudos Universitários: revista de cultura*, Recife, v. 33, n. 1/2, p. 24-37, 2016.

VERAS, D. B. *Palácios caridosos: a elite universitária e a ditadura militar – o caso da Universidade Federal de Pernambuco (1964-1975)*. 2018. 413 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32872>. Acesso em: 19 abr. 2022.

VERAS, D. B. A queda do reitor João Alfredo: ação midiática conservadora e a repressão aos dirigentes universitários no Golpe de 1964. *Topoi: Revista de História*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, jan./abr. 2021a.

VERAS, D. B. Paulo Freire em seu tempo fundante: o Serviço de Extensão Cultural (SEC). In: SANTIAGO, M. E.; BATISTA NETO, J. (orgs.). *Olhares sobre Paulo Freire: vida, história e atualidades*. Recife: CEPE, 2021b.